

## O CONTEXTO REGIONAL PARA AS SOCIEDADES ANÔNIMAS

*José Augusto Pereira Zeka \**

### RESUMO

O êxito da agricultura na área dos cerrados, que cobre dois milhões de quilômetros quadrados de território, é aqui enfatizado pelo articulista, para quem Goiás, nesse setor, está predeterminado a alcançar posição de liderança.

1. A análise do mercado interno, sob a política do acordo ampliado com o Fundo Monetário Internacional e banqueiros estrangeiros, demonstra que a produção nacional é comprimida a nível geral pela fatalidade do combate à inflação e, ao mesmo tempo, incentivada em certos setores particulares para sustentação do "déficit" julgado tolerável do balanço de pagamentos. Esta contradição conduz a resultados espasmódicos e irregulares nas duas pontas, que se opõem, da política econômica em curso. Na conjuntura de depressão gradual acasalada com inflação dominante (1), a uma alternativa passiva se antepõe alternativa ativa, dentro da base institucional em vigor, no caso de resistência à introdução de mudanças transformadoras de fundo.

A atual orientação geral da economia enfeixa a alternativa passiva, cujo centro se firma na expectativa de recorrências favoráveis no mercado externo, a exemplo da baixa da taxa de juros cobrados pelas instituições financeiras internacionais, declínio do protecionismo nos países ricos, reação positiva dos preços de produtos primários no comércio mundial, etc... Em consequência, procura acomodar o mercado interno ao máximo para preservar o mínimo possível de seu núcleo produtivo.

A alternativa ativa se fundaria no desenvolvimento pleno, era considerado o prelúdio da hiperinflação, por causa do presente estado de agudo desequilíbrio. O reagente autônomo independente do controle hegemônico do mercado externo, poderia advir da máxima produção nas condições dadas que a possibilitem (2). A reação dinâmica do momento colocaria seu ponto de arranque na potencialidade da produção primária e, em especial, na produção de grãos.

A consciência desta necessidade se abre como idéia comum aos agentes mais atuantes do mercado interno. Assim pensam o chefe do maior conglomerado nacio-

---

\* Catedrático de direito comercial e coordenador do curso de pós-graduação de direito comercial da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás.

nal de empresas privadas (3), dirigentes de empresa multinacional com domínio no setor alimentício (4) e, retoricamente, o próprio decreto federal (5). Na medida em que especialistas ousam propor solução concreta imediata além dos exercícios estatísticos ou econométricos, concorda com o pensamento generalizado o Conselho Regional de Economia do centro econômico do Brasil (6).

Dentro deste imediatismo de sobrevivência se encaixa e enxerta a *questão do cerrado*.

2. Existem no mercado interno uma possibilidade multiplicadora e uma condição material a desenvolver. Aquela se desenrolaria na margem de elasticidade da produção agrícola e esta se fixaria na disponibilidade imensa de terras agricultáveis. A dimensão física da condição material projeta a escala da realizabilidade. A produção nacional de grãos chegou a 56 milhões de toneladas métricas. A Argentina, com um sexto da população brasileira, produz quase a metade da nossa safra. O empresário agrícola privado declara, com base na experiência de maior produtor individual de soja do hemisfério sul, a viabilidade de ser multiplicada por três esta tonelagem de grãos (7). A declaração conclui o êxito positivo da agricultura na área dos cerrados, que cobre dois milhões de quilômetros quadrados de território contínuo (8). A Providência atribuiu a Goiás 55,5 milhões de hectares de um total de 182,9 milhões de hectares. Algo abrangente de 88% do espaço territorial do Estado e 30% do cerrado brasileiro (9). Ultrapassa, se individualmente considerado, os dois Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, outros Estados do Norte e Nordeste.

O 1º Simpósio do Centro-Oeste-NOVA FRONTEIRA no Distrito Federal, patrocinado pelo maior complexo de mídia do país, popularizou o conceito econômico e social do *cerrado* como a nova fronteira agrícola, sob o enfoque comparativo: a) o Nordeste enfrenta o fator limitante da desertificação; b) a Amazônia constitui, presentemente, um problema de ecologia quase universal; c) o Sul e o Centro-Sul se aproximam da estabilização com o extremo de produtividade alcançado, ao menos no estágio hodierno de tecnologia. Resta o "grande vazio brasileiro representado pelo cerrado", na fórmula oficializada pelo Congresso Nacional (10). Nele foi plantada, planejadamente, a Capital Federal com epicentro no Estado de Goiás. Debate da crise do mercado interno, a propósito da síndrome dos juros, culminou na conclusão inovadora de se conduzir a Nação, através de um plano de salvação, à "conquista de 150 milhões de hectares de cerrados" (11). A investigação científica aprofundou a tese de que o fator limitante da exploração agrícola dos cerrados "NÃO ERA A ÁGUA, MAS A FALTA DE NUTRIENTES" (12). Cinco Simpósios sobre Cerrados (13), relatórios e monografias do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, bibliografia com centenas de títulos sobre o tema revelam os nutrientes a especializar para duzentos tipos diferentes de cerrado, com projeções altamente testadas sobre calagem, fosfatagem, adubação com enxofre, potássio, nitrogenados, etc., além da "solução ideal" do vinhoto (14). Técnicas de correção e nutrição de solo com adubagem descortinam a perspectiva revolucionária da incorporação efetiva desta área à produção rural extensiva e intensiva, de forma imediata e geral. A medida de produtividade, por exemplo, do trigo, do milho, dos cítricos, da soja, da mamona, do arroz, do feijão, do café, do sorgo, da algaroba etc. permite avaliações reais de superioridade e não meramente propagan-

dísticas. Não se dilui na fantasia a previsão de: a) substituir a importação de trigo a curto prazo; b) dobrar a produção nacional de 25 milhões de toneladas de milho; c) passar o Brasil ao primeiro lugar da produção mundial de soja; d) assumir o posto de primeiro produtor mundial de grãos depois de arcar com a maior dívida externa da história (15). Esta a meta de conquistar o vazio de 150 milhões de hectares, que estava na cabeça de Juscelino Kubitschek como determinante econômica de Brasília, a fim de que esta não se esterilizasse em Versalhes burocrática (16).

3. Pingam alguns miniprogramas de exploração do mundo do cerrado e de convergência para as necessidades que decorrem deste esforço. O mais divulgado deles é o Programa Especial de Desenvolvimento dos Cerrados-POLOCENTRO, cujo montante de financiamento, em 1984, orçou em Cr\$ 8.160.000.000,00 (oito bilhões e cento e sessenta milhões de cruzeiros). O Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília-PERGEB com programação financeira e plano de aplicações de recursos no total de Cr\$ 2.400.000.000,00 (dois bilhões e quatrocentos milhões de cruzeiros). Complementados pelo Programa de Aproveitamento de Várzeas Irrigáveis-PROVÁRZEAS, o Programa de Crédito Para Financiamento de Equipamentos de Irrigação-PROFIR, os projetos PRO-CAL de calcário e de fosfatos. Não absorvem soma superior a vinte bilhões de cruzeiros, abaixo do custeio do PROAGRO. Não funciona, como eixo deste mosaico de programas, órgão coordenador específico de desenvolvimento para: a) planejamento e execução integrados; b) direção geral única das iniciativas; c) centralização dos recursos alocáveis. Ante a grandeza da meta potencial e da área geográfica envolvida, a força inibidora das falhas cresce: 1) não assentam, executoriamente, o plano de dobrar e triplicar a produção de grãos; 2) têm estruturas separadas dada a condução por órgãos administrativos sujeitos a objetivos diversos (SEPLAN, MINTER, Ministério da Agricultura, SUDECO); 3) dispersam recursos limitados em pluri-direções divergentes; 4) exercem função acessória e não básica; 5) afins com programas-piloto, a idéia fundamental que os inspira é, cautelarmente, experimental. A proporção das verbas alocadas comprova a insignificância estratégica destes programas descoordenados. A coordenação em torno de meta fundamental exige instrumento poderoso, a exemplo da conversão radical da SUDECO em verdadeira agência mobilizadora do programa de cerrados: a) com vinculação de verbas na escala programada de 100 milhões, 150 milhões, 200 milhões de toneladas de grãos; b) com a infusão do BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE, BANDECO; c) com a superação da fase experimental pela fase de implantação da nova fronteira agrícola. Tecnocratas que exercitaram a imaginação na construção de usinas de energia nuclear e das hidrelétricas de certo não podem ironizar a projeção de agigantar a produção agrícola no colossal vazio econômico. O subsídio neste setor – se necessário como incentivo inevitável – teria custo social inferior ao da edificação de pontes sobre o oceano atlântico, estradas de lazer no litoral, aeroportos da era espacial, arranha-céus piramidais, certas obras adiáveis para etapa futura de excesso da poupança interna.

4. O cerrado enlaça Goiás numa coexistência siamesa inata. O desenvolvimento do Estado central da Federação começa pela agricultura e passa pela agroindústria em função de específica produção industrial (óleos vegetais, calçados, carnes, alimentícios, laticínios, têxteis, material de construção, níquel, estanho, álcool). Alguns elementos decisivos na tecnologia de aproveitamento extensivo e intensivo do cerrado emanam da terra goiana: 1) o calcário; 2) o fosfato; 3) o vinhoto. O analista registra a coincidência providencial da natureza local ofertar materiais corretivos e nutrientes da própria subfertilidade. O Estado de Goiás deve ser estimulado no sentido de pressionar a distribuição de recursos em escala condizente: a) para expandir o plano de extração de calcário; b) para que o complexo industrial de Catalão se integre no ciclo produtivo do fósforo desde a rocha fosfática (17) e se transforme em completa indústria de fertilizantes; c) para que exploda o "eureka" dos centros de inovação tecnológica, especialmente na pesquisa do vinhoto (as universidades do Centro Oeste, a universidade brasileira, o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, os Institutos Agrônômicos do País). Especialistas da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas de São Paulo propôs programa de emergência da agricultura nacional, cujos dois últimos pontos somente se materializarão em nova fronteira agrícola: "Em sexto lugar, um programa especial de aumento da área cultivada com produtos alimentares, inclusive envolvendo subsídios ao crédito e investimentos às novas propriedades produtoras de alimentos. E em sétimo e último lugar, em definir a urgência de se definir, a nível governamental, a cesta mínima de alimentos básicos consumidos, principalmente, pelas famílias de nível de renda familiar até um salário mínimo — aí já são grandes números, já temos algo como dez milhões de pessoas, algo como quarenta milhões de pessoas — uma cesta mínima de alimentos subsidiada, através do aumento da receita tributária do governo" (18). Goiás se predestina à liderança da idéia por imperativo natural, a de residir na maior área do país do cerrado. A consciência mais alerta para os problemas regionais advoga o papel de entusiasmador de plano nacional. Que aglutine os projetos fragmentários da atualidade em função da maioria da SUDECO como órgão coordenador do desenvolvimento do cerrado, reestruturada substancialmente a partir de uma instituição financeira máter e do sistema de incentivos experimentado em outras regiões do Brasil. A idéia força é a da Itaipu dos grãos como plano de emergência nacional (19). O governo de Goiás dispõe de elementos embrionários aptos a servir de suporte potencial da expansão. Mesmo na proporção de seu estágio presente de participação no mercado interno e de contigüidade político-administrativa com a capital federal. As soluções parciais ou totais dos problemas fundiário, econômico e tecnológico adquirirão o caráter de urgência dentro do programa de emergência. Influenciarão sobre a política econômico-financeira do governo federal tanto quanto sofrem sua influência depressiva na hora atual. A clareza da meta da superprodução de grãos determinará a prioridade e o ritmo nas condições materiais desta revolução agrícola.

#### NOTAS

- (01) Qualificada de pouco brilhante ou indecente pelo Ministro Chefe do Planejamento.

- (02) Análise mimeografada apresentada ao Departamento de Direito Privado da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás de autoria do professor José Augusto Pereira Zeka.
- (03) Discurso de Antônio Ermírio de Moraes aos formandos de 1983 do Instituto de Engenharia Paulista das Faculdades Objetivo; entrevista ao jornal "O Estado de São Paulo" em 1983.
- (04) Alexandre MAHLER, Presidente da Nestlé, no VI Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia de Alimentos.
- (05) Primeiro considerando da Portaria Interministerial nº 030-A, de 29.02.1984, Secretaria de Planejamento da Presidência da República, publicada no "D.O.U." de 08.03.84, Seção I.
- (06) Luciano Coutinho, Presidente do Conselho Regional de Economia, em seu discurso de posse (CRE-SP).
- (07) Olacyr Francisco de Moraes, proprietário da Fazenda Itamarati (MT), em "O GLOBO" de 12.02.84, pág. 35, "in" "EXAME" de 22.02.84, pág. 34.
- (08) Estimativa de ALVINO e ARAUJO (1952) citada pelo Prof. FERRI (IV Simpósio sobre o Cerrado, pág. 18).
- (09) Prof. M.G. FERRI, IV Simpósio do Cerrado, pág. 18.
- (10) Projeto de Resolução nº 236, de 1981, CPI dos Juros, "in" "Diário do Congresso Nacional" de 14.01.82, pág. 004.
- (11) Relatório do Deputado HERBERT LEVY, "in" "Diário do Congresso Nacional" de 14.01.82, pág. 005.
- (12) M.G.FERRI, "A Amazônia e os cerrados", "in" "O Estado de São Paulo" de 30.07.82, pág. 29.
- (13) Anais publicados, três deles pela Universidade de São Paulo sob direção do Professor FERRI.
- (14) JACQUES S. EPCHTEIN, há vinte e sete (27) anos na produção de álcool, da Usina Santa Adelaide, município de Dois Córregos (SP).
- (15) Proposta do Diretor do Grupo Piraquê, Celso Colombo Filho ("in" "O GLOBO" de 26.06.83, pág. 41) "O escandaloso subsídio ao trigo" de José Resende Peres, "in" "O GLOBO" de 03.07.83, pág. 35; Simpósio "ALIMENTOS: PRODUÇÃO E OFERTA", da PUC, S.P., dados do professor RICARDO ABRAMOVAY; XII CONFERÊNCIA REGIONAL DA FAO para ASSUNTOS DA ÁFRICA, em Harare, Zimbábue; "Corriere della Sera", "Há uma luz no fim do túnel no Brasil".
- (16) Sugestão produzida pela leitura de suas Memórias (Edição Manchete).
- (17) O excedente de 1982 indica não utilização maciça no cerrado (Instituto Brasileiro de Fosfato-IBRAFOS).
- (18) F. HOMEM DE MELLO, "Os desafios vividos pela agricultura", "in" "O Estado de São Paulo", de 27.05.84, pág. 43.
- (19) José Augusto Pereira Zeka, "Itaipu dos grãos" (I-II), "In" "O POPULAR" de 21.11.82, pág. 14, e 01.12.82, pág. 12.